

AS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA COLÔNIA WITMARSUM (PR): UMA AÇÃO POLÍTICO-LINGUÍSTICA

Janaina Palhano Andrade¹
Cibele Krause-Lemke²

Resumo: Sob a perspectiva teórica da Política Linguística e da Paisagem Linguística, o presente estudo analisa como as línguas de imigração são representadas na paisagem linguística da Colônia Witmarsum. Partindo do pressuposto que a paisagem linguística atua como um mecanismo político-linguístico, este artigo explicita a representação do *Plautdietsch* e do *Hochdeutsch* na disposição dos sinais gráficos. A pesquisa é de campo, qualitativa e interdisciplinar, com abordagem na Sociolinguística e na Linguística Aplicada. Os resultados indicam que a gestão das línguas no espaço público proporciona maior visibilidade ao *Hochdeutsch*, sendo que o *Plautdietsch* é a língua cooficial. Ambas as práticas linguísticas compreendem ações políticas que configuram o uso das línguas de imigração em contato com a língua portuguesa.

Palavras-chave: Política Linguística; Paisagem Linguística; Línguas de Imigração.

Immigration languages in the construction of the linguistic landscape of the Witmarsum Colony (PR): a political-linguistic action

Abstract: From the theoretical perspective of Language Politics and Language Landscape, the present study analyzes how the immigration languages are represented in the linguistic landscape of the Witmarsum Colony. Based on the assumption that the linguistic landscape acts as a mechanism of politico-linguistic, this paper explains the representation of *Plautdietsch* and *Hochdeutsch* in the arrangement of graphic signs. The research is field, qualitative, and interdisciplinary, with an approach in Sociolinguistics and Applied Linguistics. The results indicate that language management in the public space provides greater visibility for *Hochdeutsch*, with *Plautdietsch* as the co-official language. Both linguistic practices comprise political actions that configure the use of immigration languages in contact with the Portuguese language.

1 Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNICENTRO (PPGL - UNICENTRO). E-mail: janaina.p.andrad@gmail.com.

2 Doutora em Educação. Professora Associada B da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Docente do Curso de Letras, Campus de Irati, e dos Programas de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e Educação (PPGE) da UNICENTRO. E-mail: cklemke@unicentro.br.

Este artigo compreende um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada: Diversidade Linguística na Colônia Menonita Witmarsum: uma análise da paisagem linguística local.

Keywords: Language Policy; Linguistic Landscape; Immigration Languages.

Introdução

O processo histórico de formação do Brasil traz consigo a ideia do monolinguismo, no qual desde a colonização e a constituição de um Estado-nação – com a institucionalização do Português como língua oficial do país – a cultura idealizada é a de que não há diversidade linguística. No entanto,

Nas duas últimas décadas, [...] o panorama das reivindicações dos movimentos sociais, a diversificação de suas pautas, o crescimento das questões étnicas, regionais, de fronteira, culturais, tornaram-se muito mais visíveis que o Brasil é um país constituído por mais de 200 comunidades linguísticas diferentes, que a seu modo, têm se equipado para participar da vida política do país (OLIVEIRA, 2007, p. 8).

As diversas circunstâncias denominadas acima contribuíram para o despertar de posições e tomadas de decisões acerca das políticas linguísticas do país, especialmente nas regiões que dividem práticas de linguagem em um contexto plural. Com todas essas afirmações, os rumos das línguas “esquecidas” pela sociedade tomaram direções mais abrangentes, tudo isso devido às políticas linguísticas e ao seu planejamento³.

Embora historicamente o mito do monolinguismo esteja enraizado no pensamento cultural, político e social do povo brasileiro, sabe-se que o Brasil é constituído por uma diversidade linguística, consagrando-o como um país multilíngue. Podemos afirmar isso dentro da própria língua portuguesa, afinal, temos a questão das variações linguísticas e nelas as variedades de região, de etnia, de gênero, de idade, de condição econômica etc.

A história da formação do povo brasileiro remonta a um contexto de multilinguismo e de multiculturalismo, pois diversas etnias constituíram o nosso país, ou seja, a diversidade lingüís-

tica e cultural é ainda hoje um campo relevante e visível de interação das práticas sociais nos diversos espaços, de norte a sul. Nesse sentido, a paisagem linguística ecoa como “instrumento de políticas linguísticas” (DALLA VECCHIA, 2016) na reafirmação da identidade linguística de uma etnia.

Sendo assim, o presente estudo analisa como as línguas de imigração – o Plautdietsch e o Hochdeutsch – são representadas na paisagem linguística da Colônia Witmarsum, tendo em vista o contexto multilíngue que encontra-se no local.

A pesquisa é de campo, qualitativa e interdisciplinar, com abordagem na Sociolinguística e na Linguística Aplicada, alicerçada nos estudos da Política Linguística (Calvet, 2007; Spolsky, 2004; 2009; 2016) e da Paisagem Linguística (Landry e Bourhis, 1997; Shohamy, 2006; 2010; Ben-Rafael et al., 2006; Cenoz e Gorter, 2008).

Campo de pesquisa – a Colônia Witmarsum

A Colônia Witmarsum está situada no município de Palmeira (PR), no Segundo Planalto Paranaense ou Planalto de Ponta Grossa, nos Campos Gerais. Fica localizada a 60 km de Curitiba (PR), a 50 km de Ponta Grossa (PR) e a 23 km da sede do município, com aproximadamente 2500 habitantes (IBGE, 2010) e uma área de 7800 hectares; dividida em cinco aldeias numeradas de 1 a 5, contendo 50 hectares cada uma, ficam em torno do centro administrativo, comercial e social da colônia – a antiga sede da Fazenda Cancela⁴ –.

Atualmente, as principais atividades econômicas desenvolvidas no local são as ligadas à agropecuária, à pecuária leiteira, à agroindústria derivada (queijos finos, carnes e cerveja artes-

4 “As terras da antiga Fazenda Cancela originam-se das sesmarias concedidas, em 1708, ao Capitão Manuel Gonçalves da Cruz, residente em Paranaguá” (DÜCK, 2005, p. 9).

3 Calvet (2007).

nal) e ao turismo rural, essa última está a cada dia ganhando mais destaque no espaço, devido à atratividade gastronômica e à herança cultural de um povo que saiu do norte da Holanda e da Alemanha, passou pela Prússia, depois para a Rússia, e se instalou no sul do Brasil.

A formação da Colônia Witmarsum, segundo Balhana et al. (1969, p. 227), “[...] resultou de um movimento colonizador espontâneo, realizado por reemigrantes menonitas que, anteriormente, se haviam estabelecido em Santa Catarina”. Em 1934, uma parte do grupo chegou ao Paraná, à cidade de Curitiba, outra deslocou-se para Blumenau (SC) e São Paulo (SP). Assim, Curitiba foi a cidade pioneira da imigração menonita em que os bairros Boqueirão, Xaxim, Vila Guaíra e Água Verde acolheram o grupo.

Já em 1948, oitenta e seis famílias que se estabeleceram em Santa Catarina foram para o Rio Grande do Sul, próximo a Bagé (RS), e fundaram a Colônia Nova (DÜCK, 2005). Em 1951, “As terras, onde hoje é a Colônia Witmarsum, foram compradas por sessenta famílias de imigrantes que moravam em Santa Catarina, e constituíam o território da Fazenda Cancela” (TEIXEIRA, 2019, p. 32).

As línguas em contato na Colônia Witmarsum

As situações de contato entre as línguas não ocorrem de forma isolada, visto que os fatores geográfico, histórico e político influenciam na intensidade dessas interações. Segundo Saveira *et al.* (2015, p. 1) “Cada situação de contato é única, social e individualmente, e é delimitada [...] pelo seu uso em diferentes situações de comunicação que podem vir a provocar fenômenos de manutenção, perda e/ou revitalização das línguas em situação de contato”.

A Colônia Witmarsum é constituída linguisticamente por duas línguas de base germâ-

nica – o Plautdietsch⁵ e o Hochdeutsch⁶ – e pelo Português, além de suas variedades –. O lugar é considerado, segundo Pupp-Spinassé (2008), uma “ilha linguística” devido ao contexto em que as línguas de imigração circulam em contato com a língua portuguesa diariamente, logo, configura-se como um local em que a diversidade linguística se encontra eminente nas relações comunicativas e simbólicas.

Desde a sua fundação, em 1951, o contexto é arquitetado pela diversidade linguística advinda dos povos menonitas que se fixaram e desenvolveram suas culturas, seus costumes e suas tradições religiosas na região, sendo que a língua configura um fator preponderante nas relações sociais de pertencimento à etnia em terras brasileiras.

São falados, pela maioria das famílias, tanto o baixo alemão como o alto alemão (variedade mais prestigiada). Apesar de o Plautdietsch estar em declínio pelos falantes, ainda está vivo no âmbito familiar e nas gerações mais velhas. Já o Hochdeutsch, é mais usado entre os moradores devido à influência do colégio, o qual apresenta o ensino da língua em seu currículo, que, para os já falantes, configura-se como língua materna⁷, e para os não falantes, como se-

5 Baixo alemão, Alemão baixo ou baixo saxão [b] (alemão: Plattdeutsch, pronunciado [platd t], ou Platt, pronunciado [plat] é uma variedade de língua germânica ocidental falada principalmente no norte da Alemanha e no nordeste da Holanda. Também é falado em menor grau na diáspora alemã em todo o mundo (por exemplo, Plautdietsch).

6 Hochdeutsch (também denominado Schriftdeutsch) é a denominação atribuída à variante oficial (Standard) do alemão, utilizada nas escolas, empresas, nas mídias impressa e televisada e entre falantes de diferentes dialetos do alemão. Ele difere em níveis variados dos demais dialetos da língua alemã no vocabulário, sintaxe e na pronúncia. O Hochdeutsch não deve ser confundido com o alto-alemão, um dos grupos nos quais se dividem os dialetos alemães (por exemplo, com o baixo-alemão).

7 “A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. [...] Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, e também é frequentemente a língua da comunidade” (PUPP-SPINASSÉ, 2006, p. 5).

gunda língua⁸.

Política linguística

Há uma cultura no Brasil de que “devemos servir à língua”, no sentido de que somos um país monolíngue, em que somente o Português se constitui como língua, por conseguinte, “[...] esse imaginário provoca dois apagamentos: i) a constituição heterogênea do Brasil e, ii) as vozes dos que são imigrantes” (KRAUSE-LEMKE, 2016, p. 45).

No entanto, um patrimônio cultural do qual emergem línguas indígenas, de imigração, de sinais, crioulas, afro-brasileiras e quilombolas, além das variedades do Português, é ignorado por grande parte da população brasileira, devido à política linguística que determinou o Português como língua oficial do Brasil, com essa determinação, muitas línguas foram silenciadas. Diante desse contexto, houve a mobilização das sociedades civis e, em alguns casos, também governamentais, para desmistificar o cenário linguístico do nosso país, no qual “[...] são as línguas que existem para servir os homens”. Corrobora-se com o pensamento de Calvet (2007) nessa perspectiva de que a diversidade linguística é um bem cultural que apresenta um enriquecimento nas relações e nas práticas entre os diferentes grupos.

Para Calvet (2007, p. 11) “[...] a política linguística é a determinação das grandes decisões referentes às relações entre as línguas e a sociedade e o planejamento linguístico, sua implementação”. O autor cita essa relação entre língua e sociedade, pois ambas são inseparáveis e contribuem para a prática de determinados usos linguísticos, também utiliza-se do adjetivo no plural “grandes” para se referir às decisões linguísticas, visto que essas determinações são controladas e deliberadas pelas forças governamentais estaduais ou federais. Já o planejamento

8 “Segunda língua é uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização” (PUPP-SPINASSÉ, 2006, p. 6).

linguístico, é o seu produto empírico, é a aplicação, o desenvolvimento, a prática das decisões implementadas pelas políticas linguísticas, isto é, “[...] as relações entre a política linguística e o planejamento linguístico são relações de subordinação” (CALVET, 2007, p. 15). Com efeito, ambos constituem uma ação sociolinguística em que, tanto a elaboração da intervenção, como os meios para que ela seja implementada, são ações concomitantemente pensadas e planejadas.

Spolsky (2009), no entanto, rompe com a dicotomia indexada por Calvet e propõe que “a política linguística é feita de escolhas”⁹. Essas escolhas dizem respeito às políticas explícitas – aquelas impostas pelo sistema de governo e às políticas implícitas –, aquelas em que os agentes sociais decidem qual língua utilizar em um contexto multilíngue ou qual variedade linguística usar em um contexto não multilíngue. Sob uma perspectiva inovadora de análise, o autor alude a três elementos interligados, porém, independentes: às práticas, às crenças e à gestão da língua.

Nesse sentido, as práticas linguísticas individuais escritas nos espaços públicos perpassam a escolha dos atores¹⁰ sociais que vivem no contexto de imigração, logo, “[...] constituem políticas na medida em que são regulares e previsíveis” (SPOLSKY, 2016, p. 35), dessa maneira, representam a crença (valor atribuído) e a vitalidade de sua língua materna, mas também consideram que há a gestão de uma língua oficial e que essa também aparece visível na paisagem linguística da maioria do espaço público, configurando, assim, a política linguística declarada, explícita por meio de um documento, a Constituição Federal de 1988, que no seu art. 13 determina: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil¹¹”.

Ainda segundo o escopo de Spolsky

9 “Language policy is all about choices” (SPOLSKY, 2009, p. 1).

10 Termo usado por Shohamy (2006).

11 Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 17 abr. 2022.

(2016), ao utilizarmos a linguagem, seja ela escrita ou falada, estamos nos deparando com as escolhas de uso. Conforme o contexto, escolhemos por uma variedade ou outra da língua portuguesa; já os falantes bilíngues ou plurilíngues, também fazem suas escolhas pela língua a ser usada em determinadas interações, isso se deve a inúmeros fatores extralinguísticos que interferem nas práticas linguísticas. No tocante ao nosso objeto de pesquisa – a paisagem linguística –, a escolha da língua usada nos sinais que compõem o cenário linguístico da colônia terá relevância para as discussões acerca da visibilidade e da vitalidade das línguas que ali circulam, embora possam ser elencadas como práticas e crenças do grupo étnico alemão menonita.

Sobretudo, as práticas de linguagem são efetivadas na sociedade, espaço de diálogos e de relações interpessoais; é nas práticas sociais que os usos linguísticos ocupam certo status ou tornam-se minoritários. A escolha pelo falante do idioma usado nas suas nas relações de comunicação são preponderantes para determinar o lugar ocupado na sociedade. Portanto,

[...] a língua não serve apenas para transmitir informação, ela também diz coisas sobre o falante, sobre o grupo. A função de comunicação leva à uniformidade do código, já a função da expressão, ao contrário, leva à sua diversificação. Isso se dá porque o objetivo do planejamento não é necessariamente gerar um código uniforme: ele pode visar à diversidade ou à uniformidade, à mudança ou à estabilidade” (HAUGEN apud CALVET, 2007, p. 23).

Assim, a língua carrega toda a história, a cultura e a memória afetiva do falante e do grupo ao qual pertence, além da função de interação, de comunicação, a língua influencia à manutenção ou à mudança. Isso é preponderante conforme o planejamento ou implementação das políticas linguísticas é conduzido no cenário linguístico.

Segundo Spolsky (2004), outros elementos devem ser analisados com atenção quando se

planeja aplicar determinada política linguística, dentre eles os

[...] fatores não-linguísticos (políticos, demográficos, sociais, religiosos, culturais, psicológicos, burocráticos e assim por diante) [que] regularmente respondem por qualquer tentativa de pessoas ou grupos de intervir nas práticas linguísticas e nas crenças de outras pessoas ou grupos, e pelas mudanças subsequentes que ocorrem ou não (SPOLSKY, 2004, p. 6).

Os fatores não-linguísticos são relevantes para o estudo, análise e decisão de determinada política linguística, pois são esses elementos que propiciam o campo das práticas linguísticas e de suas funções sociais, por isso corroboram para a mudança ou para a manutenção de determinada língua em determinado espaço. Considerar a cultura, a história, a colonização, e, principalmente, a identidade de um grupo étnico, são fatores que contribuem para a (co)oficialização de uma língua.

Paisagem linguística

As ruas, as estradas, os comércios, os serviços públicos e privados dispõem de algo que vai para além da estrutura física, dos muros, dos edifícios, das casas etc. Os sinais oficiais ou não oficiais dispersos pelos espaços públicos são capazes de revelar comportamentos políticos, históricos, culturais e linguísticos. Estamos falando da Paisagem Linguística, da representação escrita da língua ou das línguas no cenário visual da região, da cidade, do bairro ou da rua, que, nesse sentido, constitui um relevante fator sociolinguístico, pois faz parte das interações dos falantes com o meio social.

Quando há a escolha da língua ou das línguas a serem representadas nos espaços públicos, há uma intencionalidade definida e uma ideologia política marcante, isto é, as línguas utilizadas nos espaços públicos de visibilidade na sua forma escrita são politicamente e culturalmente orientadas (SPOLSKY, 2009). Logo, no contex-

to das Políticas Linguísticas, os estudos acerca das Paisagens Linguísticas¹² proporcionam um percurso de reflexões no que se refere ao planejamento linguístico, às práticas de linguagem, à manutenção ou à mudança dos usos linguísticos, e, acima de tudo, como se constroem essas representações no espaço público, “[...] a arena mais relevante para servir como mecanismo para criar uma política linguística de fato¹³” (SHOHAMY, 2006, p. 110, tradução nossa). O termo metafórico utilizado pela autora para designar o espaço público – arena – remete à compreensão de duelo, de relações de poder entre as práticas linguísticas. Com essa colocação inferimos que a língua visível na paisagem linguística pode, de fato, configurar numa ação política real, efetiva, por meio da sua representação, seja ela simbólica ou informativa, conforme postulado por Landry e Bourhis, 1997.

Portanto, para ampliar a compreensão acerca do conceito Paisagem Linguística, apresentamos a seguir as definições dos mais relevantes linguistas e estudiosos que desenvolveram pesquisas marcantes nessa área. Nesse sentido, explicitamos tais conceitos de forma cronológica para observarmos a evolução do objeto em estudo e seu campo de pesquisa.

A literatura apresenta-nos que há documentos que comprovam estudos em placas linguísticas em determinados territórios desde 1960 (GARVIN, 2010), no entanto, Landry e Bourhis (1997) foram os pioneiros e marcaram efetivamente os estudos científicos em Paisagem Linguística como área que surgiu dentro da Sociolinguística e da Linguística Aplicada.

Assim, de acordo com Landry e Bourhis (1997),

[...] a língua de sinais públicos rodoviários, painéis publicitários (billboards), nomes de ruas,

nomes de lugares, placas de lojas comerciais, placas públicas em edifícios do governo que combinam para formar a paisagem linguística de um dado território, região ou aglomeração urbana¹⁴ (p. 25, tradução nossa).

Já segundo Shohamy (2006), Paisagem Linguística configura-se como

[...] um domínio dentro da linguagem no espaço público; refere-se à linguagem específica que objetos marcam na esfera pública. Exemplos de paisagem linguística são placas de trânsito, nomes de lugar, ruas, nomes de edifício, locais e instituições, painéis publicitários (outdoors), cartões comerciais de visita, bem como rótulos, instruções e formulários públicos, nomes de lojas e placas públicas¹⁵ (p. 112, tradução nossa).

Ben-Rafael et al. (2006, p. 7), por sua vez, considera Paisagem Linguística como “[...] todos os objetos linguísticos que marcam o espaço público”. No que tange às definições expostas pelos teóricos supracitados, observamos que ambos consideram o espaço público como campo de visualização e marcação da paisagem linguística. Tanto Landry e Bourhis (1997) quanto Shohamy (2006) abrangem as placas de sinalização, placas de rua, painéis publicitários, nomes de lugares, placas de edifícios e lojas comerciais. No entanto, Shohamy expande seu conceito e inclui cartões de visita, rótulos, instruções e formulários públicos.

Calvet (2007), no entanto, não se apropria do binômio Paisagem Linguística e o cha-

14 “The language of public road signs, advertising billboards, street names, place names, commercial shop signs, and public signs on government buildings combines to form the linguistic landscape of a given territory, region, or urban agglomeration” (LANDRY e BOURHIS, 1997, p. 25).

15 “[...] as one domain within language in the public space; it refers to specific language objects that mark the public sphere and is used here as one case. Examples of LL are road signs, names of sites, streets, names of buildings, place and institutions, advertising billboards, commercials and personal visiting cards as well as labels, instructions and public forms, name of shops and public signs” (SHOHAMY, 2006, p. 112).

12 Todas as vezes que o termo for empregado em letra maiúscula estamos nos referindo à área científica, inserida nos estudos sociolinguísticos.

13 “is a most relevant arena to serve as a mechanism to create a de facto language policy” (SHOHAMY, 2006, p. 110).

ma de ambiente linguístico: “[...] as placas indicando o nome das ruas, os sinais de trânsito, as placas dos carros, os cartazes publicitários, os programas de rádio ou televisão, os quais são lugares privilegiados de intervenção para a promoção das línguas” (p. 72). Gorter (2013), por seu turno, inclui também os anúncios digitais. Vejamos que, para Calvet (2007), não somente a língua escrita faz parte do ambiente linguístico, mas também a língua falada, oral. Isso marca um diferencial entre os demais estudiosos e pesquisadores, porém, não configura nosso campo de análise.

Há de considerar, sobretudo, que todos os linguistas mencionados incluem em suas colocações os sinais oficiais (top-down) – aqueles que os atores são agentes governamentais (placas de rua, placas de trânsito, placas de instituições públicas); e não oficiais (bottom-up) – aqueles em que os atores são os proprietários dos estabelecimentos e os prestadores de serviço do âmbito particular, que imprimem suas marcas linguísticas no espaço público –.

O multilinguismo, dentre as muitas possibilidades de estudo, pode ser analisado sob o escopo da paisagem linguística de determinado local ou demarcação. A disposição e a representação de uma placa monolíngue em uma língua que não é a oficial daquele território ou os usos bilíngues ou multilíngues despertam análises das intenções dos atores na escolha dos códigos linguísticos. Além disso, os contextos em que são marcados por influências imigratórias constituem um vasto campo para o estudo da paisagem linguística devido à manifestação da língua como forma de pertencimento histórico-cultural.

De acordo com Berger e Elsenbach (2017, p. 439),

O estudo da paisagem linguística em contextos multilíngues pode informar sobre a situação sociolinguística de um determinado local, demonstrar padrões de uso das línguas de acordo com as políticas linguísticas explícitas e oficiais ou, ain-

da, oferecer indícios das atitudes em relação às línguas que coexistem no local e dos valores atribuídos a elas. Acrescente-se, ainda, revelam, além dos efeitos do contato entre as línguas locais, também outros fenômenos sociolinguísticos, como as consequências de processos de globalização que resultam na presença de muitas outras línguas ao espaço de visibilidade.

Desse modo, a paisagem linguística de um território é a manifestação do comportamento linguístico do grupo ou da comunidade. Como esta pesquisa está inserida em um contexto de imigração em que duas línguas alóctones¹⁶ – o Plautdietsch e o Hochdeutsch – circulam nas interações sociais, juntamente da língua oficial – o Português, a problematização das práticas linguísticas são observadas a partir deste objeto de análise. Nesse sentido, atribui-se o estudo por meio das políticas linguísticas implícitas, ou seja, aquelas que são praticadas pelos usos linguísticos dos falantes, mas que não estão fora do contexto da Colônia Witmarsum (PR), um lugar fortemente “carregado” de influências históricas, culturais e linguísticas.

No entanto, Barni (2008 *apud* BEGATTO; HÉLOT, 2010, p. 277) explica que

A relação com o território físico não é, portanto, apenas de suporte ou entorno, um simples panorama em que podem ser vistas as línguas imigrantes, mas é ele próprio o fator de construção de significado dessas línguas¹⁷.

Com efeito, a Colônia Witmarsum (PR) favorece um ambiente significativo às práticas e aos usos linguísticos, pois as línguas visíveis nesse espaço não teriam o mesmo significado em outro contexto. A carga cultural e histórica

16 Línguas oriundas de outras regiões, que foram trazidas para nosso território – como as línguas de imigração –.

17 ‘The relationship with the physical territory is thus not only one of support or surroundings, a simple panorama in which the immigrant languages can be seen, but is itself a factor in the construction of the significance of these languages’ (BARNI, 2008 *apud* BEGATTO; HÉLOT, 2010, p. 277).

emanada pelo território com seus costumes, tradições e práticas sociais são por si só um campo de simbologia, sendo que a língua ou as línguas representadas na paisagem linguística são um reflexo do multilinguismo e da diversidade cultural do local.

De acordo com Berger (2015),

A presença de uma ou mais línguas em dado espaço pode ser fruto de estratégias ou práticas de gestão. A ausência de uma língua em dado espaço, do mesmo modo, pode ser também o efeito de ações com vistas ao silenciamento, apagamento e/ou deslocamento dessas línguas, ou seja, a produção da inexistência, da invisibilidade nesse espaço (BERGER, 2015, p. 58, grifos nossos).

A representação da(s) língua(s) no espaço público é uma ação política e ideológica, ao passo que é uma prática social que fornece informações acerca da dinamicidade das línguas no território, isto é, como é a relação entre elas nas interações comunicativas ou simbólicas. Corrobora-se com o pensamento da autora quando ela coloca que a presença da língua ou das línguas pode ser uma estratégia, afinal, muitas ações in vivo impulsionam intervenções in vitro, pois a promoção de uma língua se deve ao seu uso entre os falantes e a sua visibilidade. Como diz Calvet (2007), de nada adianta uma intervenção política in vitro se a língua não faz parte do cotidiano dos falantes. No entanto, se a língua não está visível no espaço público, tem a tendência de sofrer apagamento, de esquecimento, visto que a paisagem linguística constitui-se como fator preponderante na manutenção e na revitalização das línguas devido a sua função visual.

Vale esclarecer que o estudo da paisagem linguística faz alusão ao espaço público, o qual, segundo os autores Shohamy, Ben-Rafael e Baroni (2010, p. 5), refere-se aos “lugares acessíveis ao público/à multidão”. Elucida-se essa questão pelo fato de que temos em nesta análise vários sinais que são privados (não oficiais), mas que são abertos ao público, pois são unidades que

compreendem comércios, empresas e prestadores de serviços.

A paisagem linguística como marcador simbólico ou informativo?

[...] a paisagem linguística de uma região, além de evidenciar como o multilinguismo é semiotizado no espaço público, pode funcionar como um marcador ‘informativo’ e ‘simbólico’ do poder e do *status* das comunidades linguísticas que habitam o território (SILVA; PIRES-SANTOS; JUNG, 2016, p. 1262).

A partir dessa citação apresentamos como os atores¹⁸ dos sinais articulam suas vozes no espaço público – um lugar que contextualiza o uso da língua devido às influências extralinguísticas muito significativas para as práticas sociais –, revelando a condição histórica de fundação da colônia e o grupo étnico e religioso que trouxe na “bagagem” a cultura. De fato, o multilinguismo influencia os usos linguísticos ao passo que os signos escolhidos por seus atores para a construção do cenário visual e linguístico do local não são neutros, há sempre uma intenção por parte de quem participa dessa prática social.

As marcações linguísticas corroboram para a compreensão de como e de que forma o contexto multilíngue influencia a escolha linguística dos atores sociais oficiais e não oficiais para representar a mensagem/o conteúdo. Vale pontuar que isso dependerá de quem será o leitor do sinal linguístico, ou seja, a percepção será distinta, bem como sua função social. Para o leitor que domina as línguas representadas, a função será informativa; já para aqueles que não dominam, será simbólica.

No entanto, indubitavelmente ambas estão desempenhando funções sociais, e é assim

¹⁸ Termo usado por Shohamy (2006), no sentido de que quem produz o sinal linguístico é protagonista de uma escolha linguística, dessa maneira, atua como agente social e político. Ambos desempenham funções imbricadas de autor-ator.

que a língua funciona, ela é um instrumento que condiciona o sujeito à interação. Nesse sentido, mesmo o leitor não tendo o domínio do idioma, ao visualizar a inscrição “diferente” do seu signo linguístico, despertará em si a curiosidade pela compreensão daquela marcação, assim a paisagem linguística, de certa forma, influenciará a busca de uma língua adicional, além de propiciar ações para as práticas multilíngues.

O Plautdietsch na paisagem linguística da Colônia Witmarsum

A “língua dos menonitas” faz parte da construção visual e linguística da colônia tanto na esfera oficial¹⁹ como na não oficial²⁰, no entanto, encontra-se ainda com menor visibilidade em relação ao Hochdeutsch.

Figura 1 – Placa da Cooficialização da língua Plautdietsch



Fonte: Acervo da autora (2022)

“Plautdietsch é a nossa Língua²¹”/“(O) Plautdietsch é a língua cooficial de Palmeira”. O sinal oficial bilíngue está representado em Plautdietsch e em Português, e marca o que Calvet (2007) chama de planejamento linguístico, ou

19 Sinais linguísticos emitidos pela esfera governamental (municipal, estadual ou federal).

20 Sinais linguísticos emitidos por comerciantes, empresários, prestadores de serviços etc.).

21 Plautdietsch ess onse Sproak!

seja, a prática, a ação. A conquista do município de Palmeira (PR) faz dele o primeiro do Paraná a cooficializar uma língua, um grande passo de implementação de uma política linguística na região, a qual é habitada por imigrantes alemães menonitas.

A cooficialização da língua Plautdietsch foi um marco das comemorações alusivas aos 70 anos da fundação da Colônia Witmarsum, em 1951, que em 2021 completou sete décadas de costumes, de tradições e de preservação das heranças linguísticas trazidas pelos menonitas. Há na colônia um movimento por meio da Associação Comunitária dos Proprietários de Witmarsum (ACPW) e do Heimat Museum pela visibilidade da língua Plautdietsch – que é a representação cultural do povo menonita – e, mesmo em circulação na interação entre as famílias tradicionais, o idioma está gradativamente perdendo sua vitalidade, afinal, o Hochdeutsch e o Português são mais usados na comunicação diária.

Essa mobilização iniciou-se com o registro do Plautdietsch como bem cultural de natureza imaterial, passando a integrar o patrimônio cultural do Município de Palmeira por meio do Decreto nº 13.958 de 29 de outubro de 2020, “[...] considerando que o Plautdietsch é uma língua minoritária, precisa ter sua existência e importância reconhecidas, visando sua sobrevivência entre as gerações que se seguirão”²²; posteriormente, em 2021, a cooficialização e o próximo passo são as ações pertencentes ao planejamento linguístico e as intervenções para que a política linguística seja efetivada nas práticas e nos usos linguísticos, sendo que uma das mais relevantes é o projeto de implantação do idioma no currículo do colégio, afinal, conforme afirma

22 Trecho retirado do Decreto nº 13.958 de 29/10/2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/palmeira/decreto/2020/1396/13958/decreto-n-13958-2020-institui-o-registro-da-plautdietsch-como-bem-cultural-de-natureza-imaterial-passando-a-integrar-o-patrimonio-cultural-do-municipio-de-palmeira-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 13 nov. 2022.

Jaffe (2001, p. 269), desde o início do século XX a “[...] escola tem sido um agente chave de mudança²³” nessa perspectiva de legitimação e revitalização da língua.

O Hochdeutsch encontra-se em maior circulação entre a comunidade devido à influência do colégio, da cooperativa e da igreja. Sendo assim, o baixo alemão está relativamente propício à extinção, ao apagamento. Com isso, a cooficialização do Plautdietsch é uma das intervenções políticas para a revitalização da língua, configurando assim um ganho para a Colônia Witmarsum e para o povo que a fundou.

A visibilidade na paisagem linguística do local é uma das ações pertinentes ao planejamento linguístico, como citado no Artigo 3º da Lei nº 5.348 de 15 de junho de 2021:

É facultado à Colônia Witmarsum realizar as campanhas publicitárias, institucionais, utilizar placas indicativas de vias públicas, praças e prédios públicos/privados e as comemorações de interesse público, na língua oficial e cooficial.

Percebe-se, portanto, a importância dessa “[...] grande decisão referente à relação entre língua e sociedade”²⁴ para dar visibilidade à língua escrita e representada na paisagem linguística da colônia.

Figura 2 – Loja de Artesanato



Fonte: Acervo da autora (2022)

23 “the school has been a key agent of change”.

24 Calvet (2007).

Figura 3 – Souvenirs



Fonte: Acervo da autora (2022)

Os sinais não oficiais monolíngues acima são os únicos nessa categorização que estão representados na “língua dos menonitas”, o Plautdietsch. Na figura 2, “Holthus” quer dizer casa de madeira. No local foram encontradas variadas técnicas de artesanato realizadas pela própria família, a qual é tradicionalmente menonita e, acima de tudo, defensora e ativista da manutenção da língua na colônia. Em conversas informais com o proprietário, o relato foi de constante resistência e luta para a preservação da língua e da cultura menonita, que está cada dia mais ameaçada de extinção devido a diversos fatores linguísticos e extralinguísticos. Com efeito, o nome do seu estabelecimento é “na sua língua”, simbólico, mas carregado de história e cultura; a denominação faz menção ao próprio local, que é uma casa de madeira.

A Figura 3 apresenta os souvenirs alusivos às comemorações festivas dos 70 anos da Colônia Witmarsum, nos quais aparecem as inscrições: “Escht een Koffe”, que quer dizer “Primeiro um café”; e “Plautdietsch ess onse Sproak!”, que, traduzido para a língua portuguesa, é: “Plautdietsch é a nossa língua!”. Ambos os sinais semiotizam e dão visibilidade à língua do povo menonita, uma ação político-linguística que reverbera a defesa e a manutenção da língua, a qual é estigmatizada pela própria denominação – baixo alemão –.

Já a Figura 4, é um selo dos Correios pertencente às comemorações dos 70 anos de Witmarsum, e está representada em Plautdietsch, a língua dos menonitas – 70 joahre²⁵ (anos) –. O selo comemorativo foi uma das ações do Heimat Museum com o apoio da Prefeitura Municipal de Palmeira e dos Correios para homenagear o aniversário da Colônia Witmarsum. O órgão emissor é de instância oficial/federal e configurou uma ação simbólica com a escolha do Plautdietsch para ilustrar o sinal linguístico, nada mais que sugestivo, pois a língua é a representatividade do povo que fundou o local e é cooficial. Vale pontuar que é o único sinal oficial federal na língua de imigração, visto que o outdoor, representado pela Figura 1, exclusivamente bilíngue, em Plautdietsch e em Português, foi emitido pela Prefeitura de Palmeira e configura um sinal oficial municipal.

Figura 4 – Selo Comemorativo



Fonte: Acervo da autora (2022)

A Figura 5 está escrita em *Plautdietsch* e em Português, refere-se a um cartão de felicitações de final de ano emitido pela Associação Comunitária de Moradores Proprietários de Witmarsum aos seus associados. É um sinal bilíngue fragmentário, pois “*Wie wensche aula eene froohe Wiehnachtstiet*” (Nós desejamos a todos um Fe-

25 Todas as traduções do Plautdietsch e do Hochdeutsch para o Português foram realizadas com o auxílio do diretor do museu Heimat Museum.

liz Natal) é um recorte de parte do conteúdo da mensagem. Além da função informativa que é transmitida na unidade, há a função simbólica, ao mesmo tempo, há a prática de uma política linguística de revitalização da língua dos menonitas. Vale lembrar que a associação configura uma forte ação de ativismo em defesa e manutenção da língua, embora seja um sinal que não teve visibilidade para além dos membros associados, há uma ação correspondente ao planejamento linguístico de circulação da língua escrita nas diversas práticas sociais locais.

Figura 5 – Cartão Felicitações



Fonte: Acervo da autora (2022)

E, por fim, a Figura 6, uma das poucas representadas em *Plautdietsch*, que presta serviço de massoterapia. “*Trajchtmoake*” quer dizer: consertar, arrumar, e compreende uma técnica centenária tradicionalmente passada de geração em geração. Não há nenhuma tradução, apenas informações adicionais (complementares²⁶) ao nome do local que presta esse tipo de serviço à comunidade.

26 Termo utilizado por REH, 2004.

Figura 6 – Massoterapia



Fonte: Acervo da autora (2022)

Os atores dessa unidade, consciente ou inconscientemente, praticam uma política explícita (SHOHAMY, 2006) ao escolher o uso do *Plautdietsch* na representação do serviço prestado, pois a língua é cooficial. Além disso, há uma função político-linguística de visibilidade e de manutenção desse uso linguístico. Certamente quem a produziu é um menonita alemão e tem a intenção de atribuir valor cultural a sua língua, colocando-a à visibilidade de todos os que passam pelo espaço público. Assim, compreende-se que “A linguagem escrita funciona como um índice visual da etnicidade que, quando atrelada a diversos produtos, lugares e experiências, contribui para a mercantilização da cultura” (BEN-RAFAEL *et al.*, 2010, p. 23).

O Hochdeutsch na paisagem linguística da Colônia Witmarsum

O Hochdeutsch é representado com mais evidência na paisagem linguística da Colônia Witmarsum. Considerada como língua de prestígio, é usada na igreja, nos cultos e no colégio como língua estrangeira. Historicamente, as comunidades menonitas tinham o costume de se comunicar no âmbito familiar em *Plautdietsch*, fora dele, em Hochdeutsch. Devido a isso, entendemos a maior incidência do Hochdeutsch

nos sinais representados no espaço público da colônia em estudo.

Na Figura 7 vê-se a placa de uma propriedade, a qual se encontra na entrada dos lotes e que “[...] opera em espaços particulares, identificados e define esses espaços²⁷” (BLOMMAERT, 2013, p. 43). É comum na colônia a gestão desse tipo de representação gráfica nas chácaras dos moradores do local. Essa, em específico, está situada na Avenida Presidente Ernesto Geisel. Está escrita em Hochdeutsch, e o termo “hof” quer dizer pátio, quadra, ou, nesse contexto, chácara, pois é propriedade residencial com espaço amplo nos arredores. “Sonnenhof” significa “Chácara do Sol”.

Figura 7 – Propriedade Particular



Fonte: Acervo da autora (2022)

Em relação à Figura 8, a placa foi emitida pela associação dos moradores do local, por isso achou-se pertinente categorizá-la como não oficial, embora o cemitério, na maioria dos locais, configure um lugar de jurisdição do município. Sua função é informativa, de localização, devido à duplicação²⁸ (tradução literal do conteúdo da mensagem), cuja unidade é destinada tanto ao público falante do Hochdeutsch, como do Português.

²⁷ “[...] they operate in particular, identified spaces, and define such spaces”.

²⁸ Termo utilizado por REH, 2004.

Figura 8 – Cemitério



Fonte: Acervo da autora (2022)

As lápides também fazem parte da paisagem linguística e estão disponíveis à visitação pública. Apesar de ser um sinal não oficial, cujos atores são os familiares do ente querido, há uma manifestação simbólica e identitária fortemente transmitida nas mensagens selecionadas, bem como na escolha da língua.

O termo “Geb. Neufeld” (Figura 9) quer dizer “nascido Neufeld”, isto é, o sobrenome de nascimento, pois a unidade de análise é de uma mulher casada, que incorpora em seu nome o sobrenome do esposo. O excerto bíblico “Seine Gnade war mein Trost”, quer dizer: “Sua graça foi o meu consolo”.

Percebe-se que não há nenhuma lápide escrita em Plautdeutsch, no entanto, a maioria é monolíngue, em Hochdeutsch ou em Português. Infere-se a escolha linguística dos atores sociais como forma de salvaguardar a língua alemã, cujo uso destinava-se ao âmbito religioso (à igreja e aos cultos) (SPOLSKY, 2006).

Figura 9 – Lápide



Fonte: Acervo da autora (2022)

Figura 10 – Estação Meteorológica



Fonte: Acervo da autora (2022)

A Figura 10 foi registrada no jardim da loja de artesanatos e souvenirs Toll. Está representada em Hochdeutsch e desempenha uma função simbólica (LANDRY e BOUHRIS, 1997) e indexicaliza que o espaço é alemão, pois os produtos vendidos no local são importados da Alemanha.

A seguir, a Figura 11 representa as placas informativas dispostas no dia 30 de julho, evento em comemoração aos 70 anos da colônia. Essas unidades configuram uma paisagem linguística

temporária, pois foram colocadas especialmente para a festividade. Nesse contexto, vê-se também a articulação Português/Hochdeutsch na constituição dos sinais, os quais desempenham a função informativa, pois é transmitida uma mensagem que direciona os visitantes do evento aos locais desejados.

Figura 11 – Placa informativa



Fonte: Acervo da autora (2022)

Figura 12 – Placa decorativa



Fonte: Acervo da autora (2022)

Por fim, a Figura 12 está localizada dentro do pátio do estabelecimento Frutilhas Löwen, o qual disponibiliza no mesmo empreendimento o restaurante, por isso a mensagem: “Wir essen” (Nós comemos); o cultivo de frutas vermelhas,

“Wir trinken Saft” (Nós tomamos suco); o turismo rural, “Wir gehen spazieren” (Nós passeamos); a pousada, “Wir schlafen” (Nós dormimos). Os atores que emitiram tal sinal gráfico preocuparam-se com a transmissão da mensagem/conteúdo (duplicação) de contexto comunicativo para os turistas do local, atribuindo à unidade de análise todos os serviços disponíveis aos visitantes. Eis uma ação que configura uma política implícita de escolha no uso do Hochdeutsch com o intuito de agregar valor²⁹ e lucro.

Considerações finais

Ao tecer as discussões acerca do fator sociolinguístico e da paisagem linguística, compreende-se que as práticas linguísticas escritas nos sinais gráficos marcam o território e essa função de marcação territorial é evidenciada pelo uso mais proeminente do Hochdeutsch. Segundo Ben-Rafael et al. (2010, p. 18), “Esse princípio de identidade coletiva” explica como os atores da paisagem linguística querem que o território seja visto translocalmente.

A gestão das línguas nos sinais dispostos no espaço público da Colônia Witmarsum corrobora para a manutenção e para a preservação das línguas Plautdietsch e Hochdeutsch presentes nas relações informativas e simbólicas. Embora o Plautdietsch apresente-se com pouca expressividade, é a língua cooficial do município e representa o povo menonita que constitui a identidade étnica-religiosa do território. Mais do que informação, as línguas constituem-se como marcadores de resistência minoritária diante da cultura do monolinguismo existente em nosso país.

No domínio da política linguística, o grau de reconhecimento³⁰ da língua Plautdietsch já está normatizado, oficializado como representação cultural da identidade do povo menonita, agora é o momento de intervir sobre o grau de

²⁹ Mercantilização da linguagem (BOURDIEU, 2008).

³⁰ Termo usado por (CALVET, 2007, p. 56).

funcionalidade³¹, o planejamento linguístico. No que diz respeito à gestão do Hochdeutsch na paisagem linguística do local, conclui-se que seu uso é atribuído à institucionalização no ensino e à disseminação do turismo, além disso, agrega valor e status devido ao alcance global do idioma.

Sendo assim, compreende-se que a paisagem linguística não constitui somente um indicador de preservação das línguas e das culturas locais, mas também uma ação político-linguística.

Referências

BALHANA, Altiva Pilatti; et al. História do Paraná. Paraná: Grafipar, 1969.

BERGER, Isis Ribeiro; EISENBACH, Laisla Rafaelly Jardim. Gestão do multilinguismo no espaço visual público em Foz do Iguaçu: um estudo sobre a visibilidade da diversidade linguística. *Entre palavras, Fortaleza*, v. 7, p. 433-456, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33189/1/2017_art_isberger-rjelsenbach.pdf. Acesso em: 4 jan. 2023.

BLOMMAERT, Jan. *Ethnography, superdiversity and linguistic landscapes: Chronicles of complexity*. Bristol: Multilingual Matters, 2013.

BLOMMAERT, Jan. *The sociolinguistics of Globalization*. Cambridge University Press: New York, 2010.

BOGATTO, François; HÉLOT, Christine. Linguistic Landscape and Language Diversity in Strasbourg: The 'Quartier Gare'. In: SHOHAMY, Elana. BEN-RAFAEL, Eliezer; BARNI, Monica. (Ed.) *Linguistic landscape in the city*. Bristol: Multilingual Matters, 2010. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.21832/9781847692993-017/html>. Acesso em 4 jan. 2023.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 2008.

CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*.

São Paulo: Parábola Editorial IPOL, 2007.

CONSELHO DA EUROPA. European charter for regional or minority languages. *European Treaty Series*, n. 148, p. 1-14, 1992. Disponível em: <https://rm.coe.int/1680695175>. Acesso em: 4 jan. 2023.

DALLA VECCHIA, Adriana. Paisagem linguística como instrumento de políticas linguísticas em uma colônia de imigração suábica/alemã. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 45, n. 2, p. 638-650, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/652>. Acesso em: 4 jan. 2023.

DÜCK, Elvine. Siemens. WITMARSUM, UMA COMUNIDADE TRILÍNGÜE: PLAU-TDIETSCH, HOCHDEUTSCH E PORTUGUÊS. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

GARVIN, R. T. Responses to the Linguistic Landscape in Memphis, Tennessee: An Urban Space in Transition. In: SHOHAMY, Elana. BEN-RAFAEL, Eliezer; BARNI, Monica (Ed.) *Linguistic landscape in the city*. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

GORTER, Durk. 2013. Linguistic Landscape in a Multilingual World. *Annual Review of Applied Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 33: 190-212.

GORTER, Durk; CENOZ, Jasone. Translanguaging and linguistic landscapes. *Linguistic Landscape*. v. 1, n. 1, 2015, p. 54-74. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281391064_Translanguaging_and_linguistic_landscapes. Acesso em: 4 jan. 2023.

JAFFE, Alexandra. Authority and authenticity: Corsican discourse on bilingual education. In: HELLER, Monica.; MARTIN-JONES, Marilyn. (Eds). *Voices of Authority – Education and Linguistic Difference*. Westport: ALEX, 2001, p. 269-296.

KRAUSE-LEMKE, Cibele. *Diversidade lin-*

31 Termo usado por (CALVET, 2007, p. 56).

- guística e multilinguismo em documentos norteadores de políticas para o ensino de línguas no Brasil. *Interfaces Científicas – Educação, Aracaju*, v. 4, n. 2, 2016, p. 43-58. Disponível em: <file:///C:/Users/nnath/Downloads/3025-Texto%20do%20artigo-8793-1-10-20160229.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- LANDRY, Rodrigue; BOURHIS, Richard. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: An empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 16, n. 1, 1997, p. 23-49. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0261927X970161002>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- OLIVEIRA, Gilvan Muller. As línguas Brasileiras e os Direitos Linguísticos. In: OLIVEIRA, Gilvan Muller. (Org.). *Declaração dos Direitos Linguísticos – Novas Perspectivas em Políticas Linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; Florianópolis: IPOL, 2003. p. 7-12.
- OLIVEIRA, Gilvan Muller. de. Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2007.
- OLIVEIRA, Gilvan Muller. Política Linguística, Política Historiográfica – Epistemologia e escrita da História da(s) Língua(s) a propósito da língua portuguesa no Brasil Meridional. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- OLIVEIRA, Phelippe Nathaniel Ribeiro. *Práticas translíngues na paisagem linguísticas de Juiz de Fora/MG*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Juiz de Fora, 2018.
- PUPP-SPINASSÉ, Karen. O ensino de línguas em contextos multilíngues. In: MELLO, Heliana Ribeiro de; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 423-443.
- PUPP-SPINASSÉ, Karen. *O Hunsrücksch no Brasil: a língua como fator histórico entre Brasil e Alemanha*. *Espaço Plural*, v. 9, n. 19, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- PUPP-SPINASSÉ, Karen. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, v. 1. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- REH, M. Escrita multilíngue: Uma tipologia orientada para o leitor com exemplos do Município de Lira (Uganda). *Revista Internacional de Sociologia da Linguagem*, 2004.
- SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; GAIO, Mario Luis Monachesi; CARLOS NETO, Marcionilo Euro. Contato Linguístico e imigração no Brasil: fenômenos de manutenção/revitalização, language shift e code-switching. *Veredas on-line*, v. 19, n. 1, 2015, p. 71-91. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/edicoes/2015-2/v-19-no-1/>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- SAWATSKY, Roland Meyer. *The control of social space in mennonite housebarns of Manitoba, 1874-1940*. Burnaby: Simon Fraser University, 2005.
- SHOHAMY, Elana. *Language Policy: Hidden Agenda's and New Approaches*. New York: Taylor & Francis, 2006.
- SILVA, Izabel da; SANTOS, Maria Elena Pires.; JUNG, Neiva Maria. Multilinguismo e política linguística: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. *Revista Domínios da Linguagem*, v. 10, n. 4, 2016, p. 1257-1277. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/34798>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- SPOLSKY, Bernard. *Language Management*. UK: Cambridge University Press, 2009.
- SPOLSKY, Bernard. *Language Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SPOLSKY, Bernard. Para uma Teoria de Políticas Linguísticas. Tradução de Paloma Petry. REVEL, v. 14, n. 26, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/f69d74cdefbd9c6efb-801010f2ac8b13.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2023.

TEIXEIRA, M. J. As línguas em Witmarsum: atitudes linguísticas de alunos em um colégio de campo no contexto multilíngue. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa (PR), 2019.

Submissão: setembro de 2022

Aceito: março de 2023.